IV CONGRESSO NACIONAL DE ARQUIVOLOGIA
"A GESTÃO DE DOCUMENTOS ARQUIVÍSTICOS E O IMPACTO DAS NOVAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO"
19 A 22 DE OUTUBRO DE 2010 - VITÓRIA-ES

ENCONTRO PARALELO: VI ENCONTRO DE PALEOGRAFIA E DIPLOMÁTICA

PALEOGRAFIA: USOS, ABUSOS E NÃO USOS

MARCELO NOGUEIRA DE SIQUEIRA[1]

mnsiq@yahoo.com.br

RESUMO: A Paleografia, que epistemologicamente tem sua origem nas palavras "antiga" e "escrita", tem seu significado, resumidamente estabelecido, como a ciência que estuda a escrita não contemporânea e a técnica que procura extrair suas informações. Compreendida ora como disciplina auxiliar ora como ciência autônoma, é fundamental para compreensão de significativa parte dos conjuntos documentais em arquivos das mais variadas origens e de decisiva importância no tratamento técnico desses acervos e na pesquisa histórica referente ao período colonial e imperial brasileiro. Nas instituições arquivísticas as transcrições paleográficas são necessárias para uma perfeita descrição do conteúdo probatório e informacional de documentos e para a própria organização do conjunto documental que eles estão inseridos. Importante para a Filologia, decisivo, em alguns casos, para o Direito e a História. Esta presente palestra apresenta um quadro analítico da Paleografia como ciência e técnica, a proposta de seu estabelecimento como História Social da Cultura Escrita, suas múltiplas possibilidades, seu uso, abuso e não usos por parte de arquivistas e pesquisadores brasileiro.

Palavras-chave: Paleografia, Arquivologia, História Social da Escrita, mercado de trabalho.

---

1 Bacharel em Arquivologia (UNIRIO) Mestrando em História Social (UERJ) – Arquivista do Arquivo Nacional.

1 INTRODUÇÃO

Ao ser convidado para participar, como palestrante, do VI Encontro de Paleografia e Diplomática, evento do IV Congresso Nacional de Arquivologia, senti um misto de felicidade, surpresa e ansiedade. Felicidade por ter a oportunidade de dividir a mesa com renomados paleógrafos no principal encontro científico da área; surpreso porque, sinceramente, não me julgo a altura desses grandes profissionais e, ansioso, pela responsabilidade que a mim foi conferida, trazendo uma desafiadora perspectiva de poder apresentar a meus pares idéias e considerações sobre a Paleografia.

Iniciei minha vida acadêmica na História, flertei com a Educação e há alguns anos sou um arquivista de corpo e alma, trabalhando como tal no Arquivo Nacional, onde me dedico aos documentos de imagens em movimento, iconográficos e sonoros. E a Paleografia? Como ela se enquadra em minhas atividades, onde ela se estabelece em minhas atividades profissionais? Tive a oportunidade de ser aluno de três grandes paleógrafos: Vitor Fonseca, em cursos no Arquivo Nacional, Aparecido Oliveira em oficinas no Arquivo Público do Estado de São Paulo e com João Eurípedes Franklin Leal, professor que me apresentou a Paleografia e a Diplomática durante a graduação em Arquivologia na Universidade do Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO, quando tive o privilégio de ter sido o monitor da disciplina e de ter ajudado na construção do Núcleo de Paleografia e Diplomática da universidade, no qual participo até hoje. Alguns anos depois voltei a UNIRIO, como convidado, para ministrar algumas aulas de Paleografia, como já havia feito na Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. Vivo, portanto, “dividido” entre os documentos imagéticos e sonoros e os escritos antigos. Essa incongruência, provocada pela total falta de semelhanças entre uma área e outra, causa, além da perplexidade de meus companheiros, um certo distanciamento que proporciona a possibilidade de análise da área sem as paixões, vícios e arroubos de quem, cotidianamente, vive a Paleografia.

Este artigo, fruto de minha apresentação oral, apresenta um quadro analítico da Paleografia como ciência e técnica, a proposta de seu

estabelecimento como História Social da Cultura Escrita, suas múltiplas possibilidades, seu uso, abuso e não usos por parte de arquivistas e pesquisadores brasileiro, propondo ao final ações de valorização e consolidação da área.

2 A PALEOGRAFIA

A Paleografia, que epistemologicamente tem sua origem nas palavras “antiga” e “escrita”, tem seu significado, resumidamente estabelecido, como a ciência que estuda a escrita não contemporânea e a técnica que procura extrair suas informações. Compreendida ora como disciplina auxiliar ora como ciência autônoma, é fundamental para compreensão de significativa parte dos conjuntos documentais em arquivos das mais variadas origens e de decisiva importância no tratamento técnico desses acervos e na pesquisa histórica referente ao período colonial e imperial brasileiro. Nas instituições arquivísticas as transcrições paleográficas são necessárias para uma perfeita descrição do conteúdo probatório e informacional de documentos e para a própria organização do conjunto documental que eles estão inseridos, além, é claro, de servir para os interesses dos consulentes. Importante para a Filologia, ferramenta para a Arquivologia e Genealogia, parceira da Diplomática, decisiva, em alguns casos, para o Direito e para a História.

Para Berwanger e Leal a Paleografia “pode ser considerada arte ou ciência. É ciência na parte teórica. É arte na aplicação prática. Porém, acima de tudo, é uma técnica.”[2] Essa afirmação corrobora a maior parte das conceituações acerca da Paleografia, principalmente quando indica a técnica como caminho natural na extração dos objetivos da área. Não é objetivo deste trabalho discorrer sobre a técnica paleográfica, sua história ou metodologia. Nos cursos de Paleografia e nas disciplinas oferecidas nos cursos

2 BERWANGER, Ana Regina; LEAL, João Eurípedes Franklin. **Noções de Paleografia e de Diplomática**. Santa Maria: Editora UFSM, 2008. Página 16

universitários somos introduzidos ao universo das transcrições paleográficas de textos antigos, conhecendo tipos de letras, abreviaturas, palavras não mais usadas, expressões desaparecidas. Estudamos a evolução da escrita, seus personagens principais, os materiais empregados, as tintas. Busco aqui, apresentar a Paleografia como ciência autônoma que objetiva a interação e, principalmente, sua inserção no campo da História Social.

Nas últimas décadas do século XX o paleógrafo franco-belga Jean Mallon, foi o principal expoente de uma corrente que, segundo Saés e Castillo, outorgou a Paleografia à condição de ciência autônoma, ampliando seu campo de ação e definindo-a como ciência dos objetos escritos, considerando todo o conjunto de seus significados, símbolos e caracteres, numa teoria da Paleografia como disciplina autônoma e não como mero auxílio para outras ciências, estabelecendo uma maior amplitude em seu campo e objetivos. A proposta de uma história social da cultura escrita, entendida como a história da produção, difusão, apropriação, dos poderes e funções do registro escrito, torna-se uma história das práticas sociais de escrever, ler e interpretar, criando novas fontes de investigação e uma nova forma de entender a Paleografia.[3]

Segundo Petrucci[4] a investigação do objeto escrito, sua análise formal e comparativa das características extrínsecas e intrínsecas podem ser resumidas nas seguintes questões interrogatórias: O que? (em que consiste o texto); Quando? (época em que o texto foi escrito); Onde? (local de sua produção); Como? (com que técnica, instrumentos e materiais foi escrito) Quem realizou? (o autor) Para que? (qual a finalidade). Podemos acrescentar a essas perguntas “para quem” destina-se o texto. Este conjunto de questões pode amparar tanto o estudo social do escrito, como servir de indicativos para a descrição arquivística ou proporcionar as informações necessárias de uma

---

3 TERRERO, Angel Riesco (org.) **Introducción a la Paleografía y la Diplomática general**. Madrid: Sintesis, 2004. Páginas 21 a 30.

4 PETRUCCI, Armando. **La ciencia de la escritura:** primera lección de Paleografia. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2002. Página 8.

pesquisa histórica, estabelecendo bases para a paleografia de leitura, de análise e da história social da escrita.

Para Gimeno Blay[5]: *"Nosotros pensamos que si es competencia de esta ciencia, la Paleografia, el resolver todos los problemas resultantes de la existencia y la utilización de la escritura en uma sociedad, porque desde su mismo nascimiento han sido su objeto de estúdio las formas gráficas: por lo tanto, no creemos que deba pasar su competencia a otras parcelas históricas, porque la Paleografia, como disciplina técnica, ha desarrolado ya um determinado nivel de análisis y em consecuencia un aparato conceptual y categórico apto para la comprensión de la evolución de las formas gráficas."*

A Paleografia, portanto, já estabelecida e consagrada como disciplina autônoma e ciência auxiliar se insere e se funde no campo da história social da escrita, deixando de ser, por este prisma, um estudo isolado e descontextualizado de determinados escritos, transformando seu estatuto e definindo-se como disciplina científica de caráter teórico prático, com campo, método e técnicas próprias. Para Saés e Castillo[6] somente com conjunção da Paleografia de leitura com a Paleografia de análise poderemos vislumbrar a história, o valor social e o verdadeiro significado da escrita, considerada como interface das redes de informação da vida humana e parte essencial da História em seu sentido mais amplo.

Sáez e Castillo propõem um esquema explicativo sobre essa proposição[7] onde descrevem o "caminho" das etapas da Paleografia como disciplina auxiliar e ciência autônoma:

---

5 GIMENO BLAY, F. N. **Las llamadas ciencias auxiliares de la Historia: errónea interpretación.** Zaragoza, 1984. Página 53.

6 TERRERO, Angel Riesco (org.) **Introducción a la Paleografía y la Diplomática general**. Madrid: Sintesis, 2004. Página 30.

7 TERRERO, Angel Riesco (org.) **Introducción a la Paleografía y la Diplomática general**. Madrid: Sintesis, 2004. Página 31.

A Paleografia estuda:

Evolução da escrita	Técnica da escrita	Modos de produção da escrita	Produtos escritos (documentos, livros, inscrições, escritos privados etc)

para saber:

O que está escrito	Quando foi escrito	Onde foi escrito	Como foi escrito	***Quem escreveu***	***Porquê escreveu***

que implica:

Leitura correta	Datação	Localização	Tipos gráficos	***Difusão social***	***Função social***

criando:

PALEOGRAFIA DE LEITURA	PALEOGRAFIA DE ANÁLISE	***HISTÓRIA SOCIAL DA CULTURA ESCRITA***

que são: **que é**:

DISCIPLINAS AUXILIARES	***CIÊNCIA AUTÔNOMA***

da: **que estuda:**

História, Arquivologia, Filologia, Diplomática, Direito etc.	***Usos ativos (práticas de escrever)*** ***Usos passivos (práticas de ler)***

3 CONCLUSÃO

Podemos perceber os múltiplos caminhos e as diversas opções que a Paleografia oferece ao arquivista, historiador, filólogo e todos os que se interessam por ela, no campo acadêmico, científico e profissional, ainda mais quando pensamos a Paleografia não apenas como técnica, mas como área científica a ser estabelecida e desbravada.

Em nosso país a Paleografia desenvolveu-se devido a obstinação de alguns professores universitários e de poucos profissionais de instituições arquivísticas que ao longo dos últimos anos mantiveram suas disciplinas nos cursos superiores de Arquivologia e História, trabalharam na transcrição de documentos antigos, propuseram o estabelecimento de normas e publicaram, sem grande apoio, os poucos livros e artigos sobre o tema. Esses profissionais, pilares da Paleografia no Brasil, necessitam de novos braços e, principalmente, de novas cabeças pensantes para seguir o caminho já traçado e desbravar outros que estão surgindo. A percepção de que as inúmeras possibilidades oferecidas pela Paleografia não são absorvidas devido a falta de profissionais é clara. No Brasil existe um incontável número de conjuntos documentais que sequer foram lidos e que estão se perdendo com o tempo, mas as transcrições desses documentos e o conhecimento de seu manancial informacional esbarra na ausência de profissionais qualificados para esta atividade, devido aos poucos cursos oferecidos, a falta de um ensino continuado e da ausência de pós-graduações nas áreas. Não será esperando que, nós paleógrafos, iremos reverter este quadro. Ações de valorização da área, como a criação do Núcleo de Paleografia e Diplomática da UNIRIO, a periodicidade constante no oferecimento de oficinas pelo Arquivo Público do Estado de São Paulo, a coluna da Revista de História da Biblioteca Nacional sobre transcrição de documentos e a formatação dos Encontros de Paleografia e Diplomática como evento paralelo dos congressos nacionais de arquivologia, são exemplos das possibilidades de fortalecimento da área. Podemos citar também algumas estratégias de difusão e comunicação da Paleografia por parte de estudantes de Arquivologia, como a criação de comunidades em redes sociais, blogs e

sites temáticos. Creio, porém, que devemos e podemos avançar mais. Proponho aqui, neste privilegiado fórum de debates, que venhamos a nos unir para pensarmos a Paleografia em nosso país em suas múltiplas vertentes, com suas inúmeras possibilidades. A criação de uma Câmara Técnica no âmbito do Conselho Nacional de Arquivos sobre Paleografia, a proposta em nossas universidades de uma pós-graduação na área, a elaboração de cursos e materiais didáticos para o ensino à distância, projetos de pesquisa e de tratamento de acervos com captação de recursos de agências e instituições financiadoras, o aproveitamento das estruturas das associações profissionais (ENARA, ANPUH etc) na divulgação dos trabalhos e projetos, a criação de um periódico eletrônico dedicado ao tema, encontros regionais etc. Muitas dessas idéias já foram pensadas e discutidas. Inúmeras são fáceis e sem custo em sua realização. Sabemos que somos poucos, mas como disse alguém a fama do bom marinheiro depende das grandes tempestades que ele enfrenta.

Se de alguma forma, nesse curto espaço de tempo, ajudei a identificar as possibilidades da área e possíveis caminhos de sua valorização meu propósito foi alcançado. Se não, repetindo o que disse certa vez o historiador Edward Thompson[8], “me perdoem por pensar em voz alta”.

BIBLIOGRAFIA

BERWANGER, Ana Regina; LEAL, João Eurípedes Franklin. **Noções de Paleografia e de Diplomática**. Santa Maria: Editora UFSM, 2008.

LEAL, João Eurípedes Franklin. **Glossário de Paleografia.** Rio de Janeiro: AAB, 1994.

FLEXOR, Maria Helena Ochi. **Abreviaturas:** manuscritos dos séculos XVI ao XIX. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2008.

8 THOMPSON, E. P. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos.** Campinas, SP: UNICAMP, 2001. Página 263.

HIGOUNET, Charles. **História concisa da escrita.** São Paulo: Parábola, 2003.

PETRUCCI, Armando. **La ciencia de la escritura:** primera lección de Paleografia. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2002.

TERRERO, Angel Riesco (org.) **Introducción a la Paleografía y la Diplomática general**. Madrid: Sintesis, 2004.